

# A Clínica da Palavra

Adélia Maria Guedes N. Moraes\*

## Resumo

Uma das linhas desenvolvidas na atualidade para a abordagem da clínica homeopática é o estudo do discurso do paciente como forma de expressão do sujeito. Denominado Clínica da Palavra, o trabalho com discursos demanda conhecimento da análise e compreensão de textos. O presente artigo mostra como a análise do discurso, no caso, com base nos modelos de Michel Foucault e Jacques Lacan, constitui evidência de que o tratamento homeopático, como medicina do sujeito, favorece processos de resignificação.

## Palavras-Chave

Homeopatia do Sujeito - Discursos - Resignificação

## Introdução

A homeopatia contemporânea apresenta um quadro extremamente diverso, no qual termos como “unicismo”, “pluralismo”, “alternismo”, entre muitos outros, pertencem ao cotidiano do homeopata. Contudo, a valorização do indivíduo tem sido uma constante desde a formulação inicial da homeopatia (HAHNEMANN, 1996: parágrafos 6, 14, 84, 89, 98, 99, 102 e 104). Em tempos mais recentes, o homeopata argentino Alfonso Masi Elizalde (1932-2004) elaborou uma abordagem que valoriza o discurso singular do sujeito como manifestação fenomênica de uma suposta essência – o noumeno – inacessível às faculdades humanas do conhecimento (ELIZALDE, 1989).

A fecundidade dessa abordagem comprovou-se em inúmeros casos da prática e estimulou novos desenvol-

## Abstract

*A contemporary approach to homeopathic practice focuses on the patient's discourse as privileged manifestation of individuals as subjects. Working with discourses demands specific knowledge of techniques of text-analysis. This article aims to show that analysis of discourse grounded on Michel Foucault and Jacques Lacan's models suggests that homeopathic treatment elicits processes of resignification. As such, it may be established as a medicine of the subject.*

## Keywords

*Homeopathy of the Subject - Discourses - Resignification*

vimentos na articulação da filosofia da linguagem com a clínica homeopática. Nesse contexto, Paulo Rosenbaum e Silvia Waisse Priven propõem uma abordagem clínica baseada nos conceitos de significação e resignificação (ROSENBAUM & PRIVEN, 2004). O presente artigo é resultado de algumas experiências de aplicação desse modelo na prática clínica durante a passagem da autora pelo ambulatório docente orientado por Paulo Rosenbaum e Silvia Waisse Priven na Escola de Homeopatia em 2004.

## Significação

Significação quer dizer “atribuição de sentido”. Partindo do fato da comunicação intersubjetiva como elemento primário no relacionamento entre dois seres humanos – do qual a consulta homeopática é apenas

\* Médica homeopata. Auxiliar de Docência, Escola de Homeopatia. [jv@iconet.com.br](mailto:jv@iconet.com.br)

uma modalidade – entende-se que o que se opera numa entrevista clínica é um processo discursivo no qual ambos os componentes da dupla se vinculam através de signos.

Um signo é “tudo quanto está por (“*stand for*”) outra coisa” (CHANDLER, 2002: 2), ou de forma mais completa, “o que está por (“*stand for*”) e está para (“*stand to*”)” (HABERMAS, 2001:11). De acordo com o filósofo norte-americano Charles Sanders Peirce (1838-1914), um dos fundadores da Semiótica contemporânea, “algo se torna num signo só quando é interpretado como sinal de algo por um intérprete” (*apud* CHANDLER, 2002:2). Habermas explica que a função “*stand for*” é representativa, enquanto a função “*stand to*” introduz o elemento de interpretabilidade (HABERMAS, 2001:11). Conclui-se, portanto, que uma das funções do clínico é interpretar os signos emitidos pelo paciente.

Michel Foucault, em *As Palavras e as Coisas*, afirma que o mundo é coberto de signos os quais é preciso decifrar, e estes signos, que revelam semelhanças e afinidades, não passam eles próprios de formas da similitude. A ligação entre o signo e o significado é realizada pela função de **representação**: “As palavras têm o poder de representar o pensamento... a linguagem está próxima do pensamento que ela é encarregada de manifestar.” (FOUCAULT, 1999: 107)

Jacques Lacan elabora sobre a noção de signo do lingüista suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913), para quem o signo é a *unidade lingüística*, desdobrado em dois componentes inseparáveis, “como ambas as faces de uma folha de papel” (SAUSSURE, 2004: 131): o **significado**, vale dizer, o conceito, o conteúdo, e o **significante**, o veículo que conduz o conteúdo.

Joel Dor, psicanalista e comentarista de Lacan, afirma que para Saussure o signo lingüístico une uma coisa e um nome, sendo nada mais do que uma “relação”, e que a mesma seria aparentemente fixa no sistema da língua. De acordo com a abordagem de Lacan, o signo é passível de rupturas, vindo a adquirir outro significante de acordo com o intérprete. Demonstra que o significante será determinado por aquele que fala (DOR, 1989:45-46).

Segundo Lacan, o signo sofreria variações por sua arbitrariedade, sua imutabilidade, sua alteração e, finalmente, pelo caráter linear do significante.

A arbitrariedade permite ao signo um caráter aleatório de escolha da palavra e de seu significado, de acordo com o intérprete. A imutabilidade diz respeito à propriedade do signo de percorrer diversas variações da língua, no decorrer dos séculos, sofrendo a imposição da massa falante. Seu uso corrente determina sua condição.

Esse mesmo uso da língua, que determina sua imutabilidade, também causa-lhe mudanças ao longo do tempo, pelo uso da *fonética* (quando relativa a mudanças no *significante*) ou do *conceito* (quando as mudanças ocorrem no *significado*).

O caráter linear do significante explicado por Lacan teoriza a forma como o sujeito escolhe suas palavras de acordo com suas semelhanças ou suas combinações. Cada forma de escolha origina um eixo da **cadeia significante**. Quando escolhemos por *combinação*, também chamada *contigüidade*, as palavras dão origem a *metonímias*. Se escolhermos por suas *semelhanças*, também chamada *seleção*, originam-se *metáforas*.

A metáfora é recolhida por Rosenbaum, com base no conceito de Charles Mauron de “metáfora obsedante”: os temas recorrentes na obra completa de um autor (ROSENBAUM, 1998: 214). Transferido à clínica homeopática, partindo de que o sujeito é um ser de linguagem, o sintoma pode ser considerado um processo metafórico.

Segundo o filósofo Ernst Cassirer, o que melhor definiria o ser humano é o fato inestimável da fala, classificando-o como “animal simbólico” (CASSIRER, 1977). Neste contexto, Rosenbaum e Priven afirmam que o tratamento homeopático interfere nas aquisições simbólicas do sujeito habilitando seus instrumentos a trabalharem melhor (ROSENBAUM & PRIVEN, 2004: 220-221).

O *sintoma constrói-se como uma autêntica metáfora*, ou seja, como a substituição de um significante antigo recalcado por um significante novo (o sintoma), em função de uma relação de similaridade, que será esclarecida através da seqüência de recordações implementadas pelo sujeito. Muitas vezes, essas recordações são facilitadas pela interferência que o tratamento homeopático determina no indivíduo. Em outras, o tratamento viria determinar a mudança desse significante novo, o que é chamado de **resignificação**:

“Cada sujeito pode dar novos significados para as constantes inevitáveis de sua vida e reorientar aquelas que forem evitáveis. Durante um tratamento homeopático cada pessoa tem possibilidades reais de alterar sua própria rota e com isto mudar a direção de sua vida e de seus arredores.” (ROSENBAUM & PRIVEN, 2004: 220-221)

## A Prática Primeiro Caso:

Paciente de 49 anos, sexo masculino, procurou nosso ambulatório por causa de sua dificuldade em lidar com sua disfunção erétil e severo quadro de psicose, que exigia tratamento com medicamentos de uso psiquiátrico. Dizia ter uma namorada, com a qual tinha problemas de relacionamento por causa da mãe, que ainda residia com ele.

Contou-nos sobre sua ligação com fenômenos espirituais, disse que foi vítima de alguém a quem chamou de “médium espírita”, que fazia “trabalhos de umbanda” em casa e “recebia entidades de nível inferior”. E que era isso que fazia com que ele ficasse nessa situação psiquiátrica. Isto o tornava “dependente de remédios fortes”.

Esses espíritos perseguiam-no pela casa e ele conseguia percebê-los porque eles teriam usado a mãe como provocadora da situação. Assim, quando a mãe falava algo contra a namorada, teria sido induzida a fazê-lo pelos “espíritos”. Se a mãe trocava as toalhas do banheiro, e escolhia uma cor, por exemplo o amarelo, fazia-o influenciada pelos “espíritos”, e aquela cor estava relacionada com a “entidade da umbanda” a que se referia. Segundo ele cada cor estava relacionada diretamente a um “espírito”, por isso ele não gostava da cor amarela. Ao ser questionado “que entidade espiritual está ligada à cor amarela”, responde: “Não sei ao certo, mas é uma entidade feminina, que quer me dominar e me obrigar a fazer o que ela quer”.

Os símbolos utilizados por este paciente trazem-nos uma idéia do seu contexto cultural e social. Mas, melhor do que isso, trazem-nos o contexto de seu imaginário. De alguma forma, a cor amarela estabelece a ligação entre suas dificuldades de relacionamento com a namorada, e aquelas vividas com sua mãe. E ainda, mostra-nos a relação que existe entre os dois relacionamentos amorosos de sua vida, a mãe e a namorada.

### Segundo Caso:

Paciente de 47 anos, sexo masculino, procurou nosso ambulatório com queixa de hipertensão e gastrite, num contexto de se sentir desprezado por seus familiares. Mais tarde, desenvolveu quadro de psoríase severa, depois do falecimento de uma das filhas.

Os sintomas reativos chamaram a atenção do examinador; acreditou-se que seu sentimento de menosvalia e as suas queixas de temperamento difícil eram suas “imagens verdadeiras”. Vivia aprisionado por suas metáforas obsedantes de humilhação, menosprezo e desvalorização:

• “Tratamento da sogra e sogro percebo certa discriminação.” (18/02/98)

• “Para encarar algumas pessoas é difícil. Devido à falsidade [sogra e sogra]. Trata bem pela frente e fala mal por trás. Pessoas materialistas, só visam interesse. Tinha padrão de vida equilibrado por conta própria, sem discriminação.” (24/06/98)

• “Evito ver certas pessoas, pessoas materialistas, discriminação social, eu percebo o tratamento, não pode ser assim.” (21/10/98)

• “Quando a pessoa está financeiramente bem, o clima é um, depois tudo muda. O homem só vale o que tem no bolso, isso é o que pensam. Eu morava em Santana, padrão de vida equilibrado, não podia ficar. Mas não podia ficar submisso; muita cobrança. Passei a mão nas minhas coisas e fui embora. Não podia ficar submisso e manter um padrão de vida que não tinha. Morava perto dos sogros, e eles controlavam a situação. Aí a esposa também entrava no que os pais falavam. Com a família da ex-esposa não me sentia bem; tenho parentes simples que eles não tratavam bem, se fosse uma pessoa formada, médico, eles tratavam bem melhor. Ou aceitam como eu sou ou eu não vou. Se me aceitarem bem no lugar eu vou.” (30/06/99)

• “... a família da mãe [da ex] não conversa comigo, sou discriminado. Quando eu estava bem financeiramente, aí fiquei desempregado, é quando a gente mais precisa, morei em lugar desconfortável, passei necessidade, nunca fiz nada de errado na vida, ter que pagar aluguel, a gente não sabe onde buscar com dignidade, isso aborrece.” (17/03/2004)

• “Tentando erguer a vida e existem pessoas que não querem que você vença na vida. (Por quê?) Porque quando estava desempregado me puseram para fora; para alguns é: acabou o dinheiro, acabou o amor”. (02/06/2004)

• “No ano passado perdi uma filha de 17 anos (maio/2003) com hepatite fulminante, chegou a fazer o transplante, mas foi rejeitado. A mãe não quis que entrasse no velório a coroa de flores que enviei, e já deu pra entender que sou excluído nessa parte. Talvez minha roupa, meu sapato... Nem o meu cunhado, que era padrinho dela, que não fosse eu, mas ele... vou falar logo a palavra descaso, porque pra mim é isso. Não se pode tratar ninguém assim”. (11/07/2004)

• “No dia do velório, a mãe deixou do lado de fora a coroa de flores que meus amigos mandaram, isso magoou”. (13/10/2004)

*Sepia succus* em dinamizações korsakovianas diárias induziu a desapareção completa da psoríase, junto com uma evolução muito interessante no plano da atitude vital e a modificação do ângulo de leitura de suas metáforas obsedantes:

“Sonhei com minha sogra. (Como foi?) O primeiro foi em lugar conhecido, na cidade. Ela [se referindo a ex-esposa] tem receio de lugar que não conhece, é meio sistemática. Ela pediu para que eu ficasse ali até ela pegar o ônibus. No segundo eu estava descendo uma torre de montar carga; minha sogra estava na frente e eu estava dando apoio para ela descer, como se fosse uma segurança para ela”.

De alguma forma este paciente re-significou seus signos: a imagem (o significante) ainda se mantém, mas o signo se alterou.

### Terceiro Caso:

Paciente de sexo feminino, 48 anos, separada, uma filha. Um de seus temas básicos era a necessidade de conhecer o futuro. Essa preocupação manifestava-se principalmente através de mediunidade, mas com a peculiaridade de precisar de **um outro que interpretasse os “sinais” que ela enxergava por toda parte.**

Esses conteúdos eram expressos das formas mais variadas: sonhos premonitórios, alucinações (especialmente visões enquanto toma banho) e projeção de conteúdos sobre elementos neutros, como por exemplo: “Estava para comprar um apartamento, vi uma cama de solteiro, mas eu ainda era casada” (“premonição” da separação); “a cera da vela derreteu e formou uma borboleta e uma espada, mas não sei o que isso significa”.

Quanto à necessidade de orientação, reiteradamente tem sonhos ou alucinações (visuais e auditivas) onde alguma figura lhe oferece conselhos e explicações. Essas figuras incluem: padre, bispo, freira, velha, bruxa, médico cardiologista, vozes anônimas, anjos, “pessoa com túnica cinza”, homens, “uma pessoa desconhecida no supermercado”, um periquito branco. Essas figuras a advertem de perigos potenciais; oferecem-lhe conselhos; asseguram que tudo vai estar bem; têm a “chave”; dão bênçãos e receitas para quebrar feitiços; ensinam palavras mágicas. Os meios são falas diretas, telefones e cartazes, que aparecem dando conselhos e explicações. Outras vezes não compreende as explicações ou “não consegue ler o que estava escrito”.

Seria desejável que a paciente viesse a ser capaz de interpretar por si mesma seus signos. Não os “sinais premonitórios”, que são a forma privilegiada em que se manifesta sua metáfora obsedante essencial. Estes, por sua vez, são apenas a forma que encontrou para significar seus símbolos vazios. Uma caricatura do processo de significação normal. Construir uma elaboração própria e autêntica desta necessidade de enxergar “sinais” por todo lugar, mas também dar a esses símbolos vazios, que nada mais são que a iconografia de suas metáforas obsedantes, significados reais.

### Conclusões

Lacan efetuou uma ruptura radical na Linguística quando quebrou a rigidez da relação entre significado e significante: a língua é estática, é o sujeito que faz a diferença, atribuindo diversos significados aos signos, através da cadeia de significantes.

Semiologia e hermenêutica sempre valorizaram os signos como forma representativa do discurso humano. De acordo com as idéias lacanianas, esses signos podem ser re-significados através de figuras lingüísticas, metáfora e metonímia.

Dado que a valorização do relato do paciente já havia sido objetivada por Hahnemann e reforçada por outros autores da literatura homeopática, a proposta de incorporarmos recursos de análise do discurso no estudo destes relatos apresenta-se como uma heurística potencialmente fecunda.

Data de recebimento: 29/03/2005

Data da aprovação: 25/05/2005

Não foi declarado nenhum conflito de interesse.

### Referências Bibliográficas

- CASSIRER, E. *Antropologia Filosófica. Introducción a una Filosofía de la Cultura*. Trad. castelhana de E. Imaz. México: Fondo de Cultura Económica, 1977 [8ª reimp. da ed. de 1945]. (Col. Popular, v.41).
- CHANDLER, D. *Semiotics: the basics*. Londres: Routledge, 2002.
- DOR, J. *Introdução à Leitura de Lacan. O Inconsciente Estruturado como Linguagem*. Trad. brasileira de C. E. Reis. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. [2a. reimpressão 2003].
- FOUCAULT, M. *As Palavras e as Coisas*. 8a. ed. Trad. brasileira de S. Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Col. Tópicos).
- HABERMAS, J. *Textos e Contextos*. Tradução portuguesa de S. Lippert Vieira. Lisboa: Instituto Piaget, 2001. (Col. Pensamento e Filosofia, v.51).
- HAHNEMANN, C.F.S. *Organon da Arte de Curar*. 6ª ed. Trad. de E.M. Villela e I. C. Soares. São Paulo: Robe Editorial, 1996.
- MASI ELIZALDE, A. Palestra. *Curso de Reciclagem da Associação Paulista de Homeopatia*. São Paulo, APH, 1989. [Apostila do Departamento de Teoria e História, Escola Paulista de Homeopatia, 2003].
- ROSENBAUM, P. *Miasmas: saúde e enfermidade na prática clínica homeopática*. São Paulo: Roca, 1998.
- \_\_\_\_ & PRIVEN, S.W. (col.). *Medicina do Sujeito*. Rio de Janeiro: Luz Menescal, 2004.
- SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. 26a. ed. Trad. brasileira de A. Chelini, J.P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2004.